

CAROLINE BERNARD

Simone de Beauvoir

A MULHER DE MONTPARNASSE

uma história da busca
por amor e liberdade

TORSILHAS



Simone de Beauvoir

A MULHER DE MONTPARNASSE

CAROLINE BERNARD

Simone de Beauvoir

A MULHER DE MONTPARNASSE

uma história da busca
por amor e liberdade

Tradução:
Claudia Abeling

TORDESILHAS

PRÓLOGO

Paris, 1924

Nessa noite, Simone e o pai brigaram mais uma vez.

Georges de Beauvoir mastigava impaciente seu pedaço de carne. Ele queria sair, já estava vestido para tanto.

Simone sentava-se à sua esquerda; ao lado do prato, como sempre, havia um livro, pois ela não tinha tempo a perder caso quisesse cumprir sua ambiciosa meta diária de leitura. Naquele momento, lia *Eupalinos ou o arquiteto*, de Paul Valéry.

— É indigno uma moça como você se descuidar desse jeito. Olhe para essas unhas sujas!

A voz do pai expressava todo o seu desdém, e isso não era pouco, pois, como ator amador, ele sabia modular as emoções.

Simone não ergueu os olhos do livro. A mão esquerda pousava sobre as páginas a fim de manter o volume aberto; a direita segurava o garfo, com o qual ela mexia no prato na esperança de conseguir espetar às cegas um pedaço de cenoura.

— Simone. Estou falando com você. Não aprendeu bons modos nesta casa?

— Georges, deixe a menina. Ela tem dezesseis anos — disse a mãe.

— Por isso mesmo — exclamou Georges. — Aos dezesseis, outras moças já sabem se portar. Elas vão a matinês e jogam tênis para serem apresentadas a rapazes adequados.

— Não quero ser escolhida por homem nenhum — disse Simone impávida, mudando de página.

— Também não consigo imaginar alguém que quisesse ficar com você. Uma sabichona e tanto. Os homens não gostam de mulheres inteligentes.

Simone estremeceu. O pai chamou-a de sabichona? Afinal, não foi ele quem a incentivou a estudar e quem sempre mostrou orgulho de seu ótimo desempenho? Entretanto, desde que ela entrara na puberdade, ele passara a

considerá-la pouco atraente e gorducha. E toda sua atenção voltou-se à outra filha, Hélène (apelidada Poupette), dois anos mais nova e bonita.

Também o pai tinha mudado. O que acontecera com o homem que ficava todas as noites perto da lareira, apresentando às meninas seus monólogos e cenas cômicas até que elas comesçassem a chorar de tanto rir?

— Os homens não gostam de mulheres sem dote — ela disse, erguendo por um instante o olhar para ver a reação do pai.

Ele ficou vermelho de raiva.

— Você não é apenas pobre, também é feia.

Simone levantou-se, calada. Perdera o apetite.

Atrás de si, ela ouviu a mãe falar:

— Simone tem razão, Georges. Se você tivesse ganhado mais dinheiro com seus negócios, minhas filhas teriam um dote. O que será delas, você pode me responder?

Simone não ficou para ouvir o resto. Ela conhecia de sobra os argumentos das eternas brigas de seus pais. Georges havia feito mau uso do dinheiro que Françoise trouxera ao casamento. Eles tiveram de se mudar para aquele apartamento escuro no quinto andar da Rue de Rennes, sem empregados, e agora o futuro das filhas estava arruinado.

A briga prosseguiria até o pai sair do apartamento. Simone se deitou na cama e cobriu a cabeça com o cobertor. Pouco tempo depois, quando Poupette também entrou no quarto, ela não reagiu. Fez de conta que já estava dormindo, embora estivesse acordadíssima, pensando.

Ela se perguntava quando as críticas do pai haviam começado. Quando foi que ele passou a rejeitar nela tudo que antes achava bom? Por que ele desdenhava de seu empenho, de seu sucesso na escola? Quando a admiração por sua inteligência transformara-se em repulsa? Quando a adorada menina, da qual ele tanto se orgulhava, havia se tornado uma fonte de constante irritação, uma sabichona?

Até aquele momento, Simone sempre atendera às expectativas que as pessoas tinham a seu respeito. Agora, justamente isso era motivo de repreensão. Ela se sentia insegura, mas a raiva era ainda maior. As observações do pai tinham calado fundo, mas não eram motivo para mudar suas convicções. Simone se admirou por não estar chorando. Entre as amigas, era famosa e temida por seus copiosos acessos de choro. Mas ela não queria se incomodar com as ofensas do pai. As regras dele não valiam mais para ela.

Ao seu lado, Poupette soltou um gemido, dormindo. Simone precisava apenas esticar o braço para tocar a irmã, pois o espaço entre as duas camas era ínfimo. O quarto era pequeno demais para outros móveis, embora tudo que Simone desejasse fosse um lugar para estudar, uma escrivaninha própria. Ela ponderou se deveria conversar com a irmã sobre o que estava pensando. Não, decidiu-se, Poupette não compreenderia. Ela amava a irmã caçula, tão cheia de charme e inteligência, embora não possuísse a ambição nem a força de vontade de Simone.

Já era tarde, mas Simone não conseguia pegar no sono. Ficou prestando atenção ao apartamento silencioso. A mãe havia se deitado, o pai só retornaria depois de algumas horas. Simone se levantou silenciosamente e, descalça, foi Tateando até o escritório. O cômodo era reservado ao pai, embora ele raramente entrasse ali. Era natural que um homem e chefe de família possuísse um escritório, mesmo que praticamente não o usasse.

Simone sentou-se junto à escrivaninha de Georges e tirou uma folha de papel da gaveta. Os postes da rua iluminavam bem, embora a luz já não fosse tão forte lá no alto. Simone pegou uma caneta. De repente, era como se o mundo inteiro fosse seu. Porque ela podia criá-lo de acordo com sua vontade. Era possível imaginar tudo – um grande amor, uma aventura, uma nova filosofia que explicasse este mundo.

Muito bem, o que ela deveria escrever? Alguns meses antes, Simone começara a fazer um diário. Desde então, preenchia as páginas com sua escrita minúscula, pois os cadernos eram caros e ela tinha a esperança de que a mãe não decifrasse os garranchos. Apesar disso, usava apenas a parte direita do caderno; na esquerda, anotava citações, títulos de livros e pensamentos que lhe haviam impressionado e dos quais não queria se esquecer.

Ali, entretanto, era diferente: ela queria registrar a própria vida. Se não tinha ninguém com quem conversar sobre suas preocupações e seus sonhos, então falaria consigo mesma para compreender melhor quais eram seus desejos na vida e como alcançá-los. Ela seria a obediente Simone, a filha de boa família, que satisfazia a expectativa dos pais. A outra Simone, que prezava a divergência e que não podia aceitar nada como simplesmente dado, sem questionamentos, apresentaria o contraponto. Qual das duas levaria a melhor? Em todo caso, ela tinha certeza de que escrever lhe faria bem; seria uma espécie de exílio autoimposto, no qual estaria possivelmente sozinha, mas não solitária.

Simone ergueu a caneta e fez alguns movimentos de caligrafia no ar enquanto observava as mariposas do lado de fora, que vojavam ao redor da luz amarela das luminárias a gás.

Em seguida, pousou calmamente a caneta e devolveu o papel à gaveta.

Viverei uma vida muito especial, ela se prometeu. A vida que eu quero, e não a vida que meus pais querem para mim. Serei Simone de Beauvoir, não senhora Fulano de Tal.

E, algum dia, serei uma escritora famosa.

CAPÍTULO 1 - Primavera de 1927

— *Plus vite*, Jacques, mais rápido — pediu Simone, colocando a cabeça para fora da janela a fim de sentir o vento acariciando seu rosto. Na verdade, aquele dia de março estava frio demais, mas ela não resistiu e baixou o vidro.

Simone queria aproveitar o momento. Pela manhã, tinha sido aprovada no exame de Literatura com distinção, como era de se esperar. A conclusão do curso significava mais um passo rumo ao sonho de escrever, que ela perseguira com determinação nos últimos dois anos. Todos os minutos livres de seus dias tinham sido dedicados à procura da voz particular de sua escrita e de um tema. Nada escrito estava a salvo dela. Na livraria Shakespeare & Company, na Rue de l'Odéon, ela adquiria os lançamentos norte-americanos; na loja da frente, de Adrienne Monnier, era a vez dos franceses. Às vezes, quando queria muito um livro mas não tinha dinheiro, ela o roubava. Nos famosos *bouquinistes* – vendedores de livros usados instalados às margens do Sena –, ela lia, em pé, tudo que lhe caísse nas mãos. O que não conseguia em outros lugares era encomendado na Biblioteca Nacional, em cuja sala de leitura ela aparecia todos os dias. Lá, entretanto, Simone costumava ler os livros necessários aos estudos. E, ao lado da Literatura, ela estudava também a vida que Paris – a Cidade Luz, a cidade das artes – tinha a oferecer em sua diversidade. Simone havia visitado quase todas as exposições nas galerias de seu bairro, além de frequentar habitualmente os grandes museus. Sempre que dispunha de dinheiro, ia com uma amiga a um café em Montparnasse, onde as duas pegavam uma mesinha e ficavam escutando as conversas das pessoas. Tudo a interessava, nada estava a salvo de sua sede por conhecimento e de sua curiosidade.

Bem, seu objetivo estava mais próximo com a aprovação. Para sua alegria, o primo Jacques estava esperando por ela na frente do Institut Sainte-Marie e, com um sorriso, abriu-lhe a porta de seu carro novo.

— Vejo que uma mulher aprovada num exame também pode ser atraente — ele disse a ela. — Posso convidá-la a um passeio para comemorar o dia?

Simone estava radiante. Quando crianças, Jacques tinha sido um bom amigo; mais tarde, ela passou a admirar o primo mais velho. E agora estava prestes a se apaixonar por ele, um homem bonito e que vestia ternos chiques. Jacques morava com a irmã e uma empregada num apartamento espaçoso no Boulevard du Montparnasse e era absolutamente dono do próprio nariz. Ele era um homem do mundo, que saía muito à noite, conhecia todos os *dancings* e galerias da moda e havia apresentado o surrealismo a Simone. Eles passavam horas conversando sobre arte e literatura. A mãe dela, em geral tão rígida, permitia que a filha passeasse com Jacques ou que fossem juntos ao cinema. O pai também gostava dele e apreciava quando o rapaz a acompanhava até em casa, à noite, entrando para dois dedinhos de prosa.

Ao se lembrar disso, Simone fez uma careta. Nessas ocasiões, seu pai e Jacques entabulavam discussões sem fim sobre literatura e teatro, com o pai xingando os modernistas e elogiando os clássicos. Simone teria uma opinião a dar, mas sua participação não era desejada – o pai deixava isso bem claro. Uma mulher não devia interromper os homens. Quando Georges se sentia perturbado por ela, colocava o braço ao redor dos ombros de Jacques e conduzia-o até o escritório, enquanto a filha fervia de raiva.

Naquele dia, entretanto, Jacques era exclusivamente seu. Simone baixou o quebra-sol a fim de se observar no espelho. Nos últimos tempos, sua aparência exterior havia melhorado muito – a patinha feia se transformara num cisne. Embora Simone ainda não se preocupasse muito em se arrumar, sob os vestidos desajeitados havia uma bela jovem. O que ela mais gostava era dos olhos claros, cor de hortênsias, que iluminavam o rosto de traços finos. Alguns dias antes, ela trocara o cabelo comprido por um corte mais curto e moderno. Também a amiga Zaza estava usando esse tipo de penteado e ficava linda com seus chapéus *cloche* de feltro. Mas o cabelo de Simone era fino demais, o rosto muito comprido; o penteado não caía bem, embora Maheu tivesse afirmado o contrário. Apesar de casado, seu colega de estudos René Maheu, que ela chamava de “Lama”, estava apaixonado por ela. Ele não se cansava de admirar coisas nela ou enfatizá-las, fosse sua beleza, a inteligência ou até mesmo a voz rouca, com a qual disparava argumentos feito uma metralhadora. Naquele dia, Simone tinha amarrado uma echarpe de bolinhas claras no cabelo a fim de disfarçá-lo um pouco.

Jacques, evidentemente, não havia notado a mudança, só comentara como a echarpe combinava bem com o colarinho branco da blusa dela.

— Você está parecida com um rapaz simpático — ele brincou.

Buzinando, Jacques ultrapassou um carro e, com uma manobra brusca, retornou à sua pista. Simone foi jogada contra o ombro dele. Ela se afastou e fechou o quebra-sol com o espelhinho. Jacques nunca perderia tempo pensando na própria aparência, pois era simplesmente lindo. Simone observou de lado o rosto bem talhado do primo. Ele apertou os olhos um pouco, lembrando a expressão de um aventureiro. Jacques notou o olhar dela e riu.

— Logo chegamos — ele informou.

— Que pena — Simone retrucou. Ela poderia passar horas sentada ao lado de Jacques no carro, aproveitando a viagem. Eles saíram da cidade pelo lado oeste. Jacques tinha escolhido especialmente para ela a rota que passava pela Praça da Concórdia, onde o obelisco se erguia em direção ao céu de um azul pálido, e depois pelo Arco de Triunfo. Agora já atravessavam o parque Bois de Boulogne. Nessa época do ano, as árvores ainda estavam nuas, mas Simone enxergava nos gramados os pontos luminosos dos botões de magnólias e o amarelo dos jasmims e narcisos.

— Que bonito — Ela suspirou e colocou a mão para fora da janela a fim de sentir o vento fresco.

— Você sempre encontra algo de bonito nas coisas — disse Jacques, balançando a cabeça.

— Mas a primavera em Paris é maravilhosa. Você não acha? Veja só o verde tão delicado. Essa cor só existe agora. Se retornar aqui na semana que vem, ela já terá desaparecido.

Ela voltou o rosto de olhos fechados na direção do Sol, que, naquele momento, atravessava as nuvens. Em seguida, tornou a olhar para Jacques. Ele estacionou o carro com habilidade e foi até o lado dela para lhe abrir a porta.

— Por gentileza.

Simone sorriu para ele.

— O que você está com vontade de fazer? Andar de barco ou tomar sorvete?

— Ambos — ela exclamou. — Mas preciso estar em casa às oito. Papai quer sair comigo para festejar meu exame.

Eles alugaram um dos barcos pequenos com a forma de um cisne e lentamente chegaram ao centro do lago.

Jacques tirou um livro do bolso da jaqueta. Era *O bosque das ilusões perdidas*, de Alain-Fournier, que muitos viam como o sucessor do *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, porque tratava de um tipo de amor – um grande amor, infeliz – que as pessoas só sentem quando são muito jovens. O romance havia sacudido as emoções de Simone, que, desde então, passara a ficar mais ciente dos delicados sentimentos que nutria por Jacques. E havia sido o estímulo final para que a literatura substituísse, para ela, a religião. Simone acreditava no poder das palavras, os romances se transformaram em sua nova Bíblia, mesmo que a mãe temesse pela salvação da alma da filha.

— Você não precisa ler nada em voz alta para mim — ela disse. — Conheço passagens inteiras de cor.

— Tudo bem. Então que tal *La garçonne*? Seu penteado combina.

Ah, ele notou, sim, meu cabelo, pensou Simone quando o primo tirou o livro do outro bolso.

Ela deu um sorriso. O romance de Victor Margueritte estava provocando um escândalo após o outro porque sua protagonista, Monique Lerbier, opunha-se aos planos de casamento que os pais faziam para ela, além de manter uma vida sexual livre. Claro que Simone também tinha lido esse livro, em segredo, sem que os pais soubessem. E, por vezes, durante a leitura, ela tinha pensado que gostaria de ser como Monique. Ela fez um movimento de recusa com a mão.

— Também conheço. Por favor, não deixe que *maman* o veja, senão nunca mais poderei sair com você.

— Ela ainda censura suas leituras?

Simone, contrariada, fez que sim com a cabeça e se recordou de quando, no passado, Françoise fechava com agulhas as páginas que Simone não deveria ler. Claro que essas eram justamente as que a filha lia primeiro para, em seguida, recolocar as agulhas exatamente nos mesmos buraquinhos.

— *Maman* desistiu de me educar.

— De transformá-la numa senhorita decente, com chances no mercado de casamentos — disse Jacques.

— Eu? Chances no mercado de casamentos? Você sabe que não tenho nenhuma porque papai não pode pagar um dote.

— Também sei que você não quer.

— Casar tudo bem, mas não com qualquer um e, certamente, não com alguém escolhido por meus pais.

Brava, Simone olhou-o de lado, tentando identificar se ele havia entendido a insinuação. Em vez de prosseguir na observação de Simone, Jacques de repente fez um esforço e passou a remar com muita força, embora estivessem ainda a uma boa distância da ilha artificial. Ele fazia de conta que estavam prestes a se chocar com alguma coisa. Mas, no restante da tarde, se portou como um irresistível cavalheiro charmoso.

Jacques levou-a para casa a tempo de Simone ir ao teatro em companhia do pai.

Enquanto Georges conduzia Jacques até seu escritório para “trocar uma palavrinha entre homens”, Simone foi até o quarto pentear rapidamente o cabelo desgrenhado e ajeitar a echarpe. Suas faces estavam coradas, a pele parecia brilhar, mas nem isso faria com que seu pai enxergasse algo de belo na filha. Ela se perguntou o que os dois estariam conversando. Sobre o casamento dela com Jacques? Para Simone, isso seria a concretização de um sonho, e o pai teria de concordar que ela tinha condições de encontrar um marido.

Ela suspirou.

Simone não compreendia o motivo de o pai se decepcionar tanto com ela. No passado, ele sempre ficara orgulhoso ao afirmar que ela pensava como um homem. Simone havia estudado e trabalhado para estar à altura dessa expectativa. Agora, ela tinha tirado seu primeiro diploma e queria impressioná-lo. Mas ele não fez nem sequer uma pergunta sobre a prova. Não tinha interesse.

Há tempos que Simone não estudava para impressionar o pai. Ela havia ingressado no mundo do saber, e cada livro que lia despertava a curiosidade pelo próximo. Adorava destrinchar questões científicas e fazer descobertas, dispor de argumentos convincentes e surpreender os outros com sua inteligência.

Simone deu um sorriso. Depois, foi atrás do restante da família.

Copyright © 2022 Tordesilhas

Copyright © Aufbau Verlag GmbH & Co. KG, Berlin 2021 (Published with Aufbau Taschenbuch; »Aufbau Taschenbuch« is a trademark of Aufbau Verlag GmbH & Co. KG)

Título original: *Die Frau von Montparnasse: Simone de Beauvoir und die Suche nach Liebe und Wahrheit*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1^a de janeiro de 2009.

CAPA www.buerosued.de in Munich for Aufbau Verlage GmbH & Co. KG a partir de várias imagens e da seguinte foto: © Marie Carr / Arcangel

ADAPTAÇÃO DE CAPA Cesar Godoy

PREPARAÇÃO Carolina Forin

REVISÃO Mariana Rimoli e Laura Folgueira

1^a edição, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernard, Caroline

Simone de Beauvoir : a mulher de Montparnasse / Caroline Bernard ;
tradução Claudia Abelings. – São Paulo : Tordesilhas, 2022.

Título original: *Die Frau von Montparnasse : Simone de Beauvoir und die Suche nach Liebe und Wahrheit* : roman

ISBN 978-65-5568-053-9

1. Beauvoir, Simone de, 1908-1986 - Ficção 2. Filósofos - França - Paris - Século 20 - Ficção 3. Homem-mulher - Relacionamento - França - Paris - Século 20 - Ficção 4. Literatura alemã 5. Romance alemão I. Título.

21-84365

CDD-830

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance biográfico : Literatura alemã 830

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2022

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br

blog.tordesilhaslivros.com.br

Leia também



Este livro foi composto com as famílias tipográficas
Celeste para os textos e Gotham para os títulos.
Impresso para a Tordesilhas Livros em 2022.

Paris, 1929. A jovem Simone, muito ambiciosa desde pequena, quer ser mais do que apenas a filha de uma boa família; ela quer estudar e escrever. Então, ela conhece Jean-Paul Sartre, *enfant terrible*, gênio... e logo seu amante. Os dois fazem um pacto que deve garantir o amor e a liberdade sexual de ambos e, juntos, formulam a filosofia do existencialismo.

Entretanto, por muito tempo Simone não consegue realizar seu sonho de escrever – os editores rejeitam seus textos alegando serem inadequados. Além disso, ela também tem que lutar constantemente por seu relacionamento com Sartre. Como um grande amor pode se conciliar com a busca pela liberdade?

Em Simone de Beauvoir: a mulher de Montparnasse, Caroline Bernard ficcionaliza a vida da escritora, filósofa e intelectual Simone de Beauvoir, personagem histórica corajosa, apaixonada e apaixonante, que foi modelo para gerações inteiras de mulheres.

TORDESILHAS

978 65 5568 053 9

